



Revista *Átimo* – Não tá Fácil pra Ninguém¹

Daniel Magalhães de Andrade LIMA²

Marcela Barbosa LINS³

Moema Samara Gomes FRANÇA⁴

Thiago SOARES⁵

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo descreve o processo de criação da revista “*Átimo* – Não tá Fácil pra Ninguém”, publicação online realizada durante a disciplina de Edição, orientada pelo professor Thiago Soares, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco. Trabalhando textos e imagens de uma maneira experimental, a revista tem como inspirações os fanzines e publicações alternativas feitas manualmente. O trabalho descarta o uso do estilo textual clássico do jornalismo e investe em contos e crônicas para falar sobre a rua, principal personagem da revista, e a vivência do espaço urbano. É um trabalho de cunho subjetivo, que traz ilustrações, fotografias e percepções dos estudantes sobre a rua, resignificando conceitos e levantando questionamentos sobre a relação entre o sujeito e este espaço no convívio da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Átimo*; Jornalismo; Revista customizada; Vivência da rua; Transgressão.

1 INTRODUÇÃO

Diante da modernidade, vários autores abordaram as transformações na relação indivíduo-cidade. Em um de seus textos, Walter Benjamin, à luz de Baudelaire, abordou o fluxo das massas nos grandes centros urbanos em contraponto à individualidade dos sujeitos, enfatizando a sempre constante relação de choque do indivíduo diante das transformações culturais e urbanas. Na figura do flâneur, foi enxergado um sujeito que vai às ruas em busca do senso de pertencimento, na mesma medida que se isola em sua própria liquidez e subjetividade.

"Para o perfeito flâneur [...] é um imenso regozijo eleger domicílio no número, no ondulante [...] Estar fora de casa e, no entanto, sentir-se em

[1] Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Revista Customizada.
[2] Aluno líder do grupo. Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: danlima_@hotmail.com.
[3] Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: marcela.lins@gmail.com.
[4] Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: moemafranca@outlook.com.
[5] Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPE, email: thikos@gmail.com.
Também são autores da revista *Átimo* - Não tá Fácil pra Ninguém as recém graduadas Laís Araújo (araujoslais@gmail.com), Marcela Pereira (marcela_fp@hotmail.com) e os estudantes Victor Germano (germvictor@gmail.com) e Isabela Almeida (isabelaalmeida00@gmail.com).

casa em qualquer lugar; ver o mundo, estar no centro do mundo, e ficar escondido do mundo [...] O observador é um príncipe que, em toda parte, usufrui do seu incógnito [...] O apaixonado pela vida universal entra na multidão como num imenso reservatório de eletricidade. Pode ser comparado também a um espelho [...], a um caleidoscópio dotado de consciência que, a cada movimento, representa a vida múltipla e a graça movente de todos os elementos da vida" (Baudelaire Apud. Bolle, 2000. P. 375)

A rua, por ser um lugar de busca pelo pertencimento e de convívio com o Outro, também é amplamente retratada como uma oposição material e simbólica ao lugar do Eu, à noção de casa e de lar, como um espaço de transgressão da propriedade individualizada para o mundo comum (Silverstone, 2002). Lidar com o mundo, com o Outro e, naturalmente, com a rua, envolve desencantamento e frustração. A relação de alteridade se baseia, em partes, na busca e na incapacidade de exceder os abismos entre os sujeitos, tanto materialmente quanto subjetivamente, fazendo com que a tentativa de transgredir tais interditos seja, por si só, violenta e decepcionante. (Bataille, 2013).

Recorrendo a Freud (2010), num plano mais sistêmico, várias questões da sociedade e cultura capitalista geram um fenômeno social de mal-estar, uma falta de plenitude material e espiritual, que acomete profundamente a estrutura desejante do indivíduo. A partir daí, numa brincadeira autoirônica e referencial à própria juventude, nomeamos esta edição da revista *Átimo* de “Não tá Fácil pra Ninguém”; afinal, não está.

O mal-estar descrito no título é revisitado em boa parte dos textos da revista. Uma vez que percebemos a existência de dois universos, o coletivo (a rua) e o individual (o sujeito), optamos por buscar referências estéticas e no modelo de produção nas revistas alternativas e fanzines. Tais publicações têm, tradicionalmente e como princípio, uma produção coletiva e manual, pelo baixo custo de criação e afastamento das técnicas clássicas de diagramação e edição, que competem majoritariamente a profissionais especializados. Em conteúdo, as

publicações espontâneas, e normalmente desvinculadas dos conglomerados de comunicação, tendem a seguir um caráter mais pessoal e menos informativo, dialogando com o campo da sensorialidade.

Para a *Átimo*, a escolha da produção inspirada nas publicações independentes vem não só pelo alinhamento discursivo da prática mas também pela liberdade estética inerente ao meio. Por trabalharmos com diversos vieses e lugares de falas, todos exacerbados em pessoalidade e subjetividade, decidimos por levar cada elemento discursivo possível ao extremo de sua potência. Assim, a revista não segue um padrão estético coerente e as páginas foram diagramadas para dialogar com o conteúdo textual e imagético que abrigam. A unidade da revista não é, portanto, de ordem estética, e sim discursiva, concretizada a partir da noção de que a rua é composta por tensões e harmonizações de discursos diversos, de grupos ou indivíduos, que ocupam o espaço público.

2 OBJETIVO

Geral

Elaborar uma revista experimental em jornalismo que aborde a vivência da rua através de contos, crônicas, relatos, ilustrações e fotografias.

Específicos

- Explorar gêneros textuais diferentes do estilo clássico do jornalismo, dando chance para os estudantes produzirem contos, crônicas e ilustrações.
- Valorizar a subjetividade dos estudantes de acordo com a vivência na rua e no espaço social urbano de cada um para promover, através de histórias e relatos individuais, uma noção coletiva de rua e do espaço público.
- Trabalhar a tensão entre os conceitos de público e privado e a ocupação da rua.
- Possibilitar que os autores da revista sejam observadores e, ao mesmo tempo, participantes da experiência de “viver a rua”.

3 JUSTIFICATIVA

Diante das possibilidades limitadas do jornalismo empresarial e de circulação massiva, a publicação “Átimo - Não tá Fácil pra Ninguém” busca não apenas passar dos limites do tradicionalismo quase academicista vigente nos meios de comunicação, mas também transcender e quebrar com os paradigmas e dogmas da área. Desta forma, a identidade estética editorial vem da necessidade de reafirmar o experimentalismo que julgamos necessário à área. Para isso, utilizamos gêneros textuais escassos no jornalismo convencional, como relatos, crônicas e contos e, para tornar esta pretensão conceitual mais palpável, utilizamos o formato de fanzine e de revista alternativa como inspiração.

“A grande imprensa define os fanzines como jornais amadores, impressos em fotocópias a partir de uma matriz datilografada e composta artesanalmente, e que, se a princípio tratavam apenas dos ídolos do mundo do som punk e do rock, eles hoje, à medida que se proliferam, ampliam seu leque de temas.” (MAGALHÃES, 1993, p.10)

Uma das principais características do fanzine é a participação ativa dos editores na produção geral da publicação. Desde a ideia principal até a diagramação, a escolha dos textos e paginação, entre outros, passam pelos editores do fanzine, fazendo com que haja um domínio total do processo de criação por parte dos autores (Magalhães, 1993). A revista “Átimo - Não tá Fácil pra Ninguém” se apropria desse mecanismo e não aponta funções específicas para nenhum dos estudantes. Por exemplo, não havia um editor principal para revisar os textos, assim como não havia uma pessoa específica para fazer as ilustrações, nem uma outra só para diagramar. Apesar dos textos terem sido feitos individualmente, com base na experiência subjetiva de cada estudante, a montagem e a inserção desse material na revista era feito em conjunto - e esse é um dos pontos que garantiu a unidade do produto. A “Átimo” também se utilizou do conceito de revista alternativa, que junto com o fanzine, se encontra dentro do que chamamos de imprensa alternativa (Magalhães, 1993).

“[...] a matéria prima do fanzine é a informação, como artigo, entrevista, matéria jornalística. Na revista alternativa encontra-se a produção artística propriamente dita: contos, poesias, ilustrações, quadrinhos, etc. A partir dessa concepção, a revista alternativa é o veículo/portfólio que abre espaço para novos artistas e novas propostas de linguagem que não encontram guarida nos veículos comerciais.”
(MAGALHÃES, 1993, p.15)

A liberdade na produção, com contos, ilustrações e crônicas (estilo vindo da revista alternativa), está inclusa na proposta experimental do projeto. Acreditamos que a universidade é um espaço seguro para ir além de paradigmas, fazendo com que a produção da revista seja capaz de transgredir e, desse modo, inserir novos pontos de vista dentro do jornalismo tradicional.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O principal método de apuração utilizado para elaborar os textos da publicação foi a Observação Participante. Originariamente utilizado na Antropologia, este método integrou-se ao jornalismo e ganhou força na década de 1960 com o New Journalism, representado por nomes como Truman Capote, Gay Talese e Joel Silveira. “Sob disfarce”, misturando-se ao ambiente, o jornalista capta informações de forma diferenciada e mais natural do que se utilizasse o método tradicional da entrevista e apuração por vias estritamente escritas.

Na crônica “Rua Copacabana”, que descreve o pacato cotidiano de uma rua na cidade do Recife, há uma clara referência ao método. Ao mesmo tempo que o autor do texto descreve personagens que fazem parte daquela vivência diária, ele é também autor-personagem, uma vez que a sua subjetividade é sempre evidenciada, seja por se valer de juízos de valor muito claros, seja por um uso de primeira pessoa e por um constante lembrete de que esse autor é também parte daquela cena:



A. “Mistérios, mistérios, que eu, há 20 anos moradora da Rua Copacabana ainda não sei responder. O maior deles, talvez seja o gosto musical dos frequentadores do barzinho. De Duran Duran e Leonardo, as surpresas são sem fim. Assim como a verborragia daquele menino que passeia com o poodle e fala sozinho.”

Outro exemplo extraído da revista em que se faz o uso da Observação Participante é no relato “O carnaval é amarelo derretido”. A autora faz uso da metalinguagem para falar da desordem e pequenas loucuras do carnaval, se confundindo dentro do texto, sem se preocupar com as pausas entre as palavras, como se transcrevesse seu próprio pensamento, derivado da observação do momento em que estivera presente.

B. “Seis horas depois do desaparecimento, após odores e encontros e comidas e acenos e desconhecidos e amigos, durante o agachamento do pópópó as encontrei: as visitas, elas, as turistas, não aguentavam mais ir para o chão e a falta de condicionamento físico das duas proporcionou o nosso emocionante reencontro.”

Como as ilustrações são interligadas aos textos, era necessário que a pessoa encarregada dos desenhos tivesse contato com a produção textual para ajudar no processo criativo. A produção da maioria das ilustrações foi feita à mão, digitalizada com o suporte de um scanner, para somente depois ser vetorizada no programa Adobe Illustrator. Outras ilustrações mais específicas, como a do relato de Idelfonso, foram feitas digitalmente no programa Corel Draw, com esboço realizado à mão. Depois da montagem da boneca da revista, passamos para a fase de montagem digital no programa Adobe Indesign. A diagramação foi feita de maneira completamente colaborativa, de modo que pudesse captar a intenção de cada um dos estudantes.

As artes plásticas surgem como forma conectiva no diálogo texto-estético, buscando propiciar uma experimentação sensorial, e não só racional, do produto. No texto “Nem tudo que é sólido desmancha no ar de noite”, por exemplo, a diagramação pouco instrumental pode prejudicar a leitura do conteúdo textual, já que o corpo do texto é posicionado deitado na página e a poesia concretista que o acompanha é cortada. Da forma como foi criada, porém, a página inteira parece se desmanchar e não obedece aos limites tradicionais de uma diagramação para revista, numa desconstrução que dialoga com o conteúdo sobre fluidez de relações abordado pelo conto, trazendo um discurso sensorial à apresentação da página.



Figura 2- Diagramação transgressora condiz com conteúdo do texto

Por ser uma revista extremamente colaborativa, escolhemos por não creditar ilustrações, textos, fotos ou qualquer outra faceta da publicação individualmente. A ideia vem também da possibilidade de, apesar de trazer discursos intensamente ligados à individualidade do autor, se aproximar do leitor enquanto unidade pensante, como uma entidade que sublima diversos processos de individualização. Com liberdade de linguagem, os textos têm tanto o ritmo rápido do fluxo da consciência quanto a lentidão dos acontecimentos, podem ser fragmentados ou completos, finitos ou não. Em relação à parte gráfica, a partir da visão da rua como algo desordenado e, ao mesmo tempo, extremamente subjetiva, cada

autor/diagramador teve absoluta liberdade de criar todos os aspectos estéticos das suas páginas de acordo com as estruturas dos seus textos.

Assim, não existe um padrão de fontes, imagens ou diagramação na revista como um todo, pois a personalidade e diferenças de cada página reforçam a organicidade do caos da rua. Em todos os aspectos, a temática e a estética estão intimamente ligadas. Pensamos a rua como um local da resistência de uma liberdade (ainda que uma liberdade romântica e uma liberdade cada vez menos real) e transmitimos essa liberdade na nossa identidade visual.

O editorial, por ter um conteúdo que sintetiza as formalidades de uma publicação, foi idealizado para dar uma quebra da expectativa no que se encontraria numa revista tradicional, a exemplo do texto que introduz cada um dos editores-redatores, que foge do esperado para uma publicação do tipo. Fazendo referência às questões da reprodutibilidade técnica e massiva da mídia, optamos por registrar-nos em fotos através de uma máquina de scanner, que, como a xerox, é frequentemente utilizada para fotocopiar fanzines. O título “Lipsynch for your life pois não tá fácil pra ninguém” faz referência a um reality show americano da Logo TV, o RuPaul’s Drag Race, em que drag queens são eliminadas na competição a partir da dublagem de músicas pop, último recurso ao qual recorrem para lutar e poderem continuar na jornada televisiva.

6 CONSIDERAÇÕES

A revista “Átimo - Não tá fácil pra ninguém” é uma publicação de extremo caráter desconstrutivista que apela para o que nós, enquanto alunos de comunicação, mais sentimos falta no mercado da área: espaço para quebra de paradigmas e aproximação com as linguagens da arte. Sabemos que o jornalismo representa um campo amplo, permeado por discussões, embates e tensões que não permitem um consenso absoluto sobre seu papel social ou modo ideal de ser operado e que, com isso, é bastante provável que muitas das pessoas que se deparem com a revista tenham uma relação de choque e questionamentos.

Mas acreditamos que o papel da academia e da mídia é ter a capacidade de desenvolver discursos críticos sobre a realidade, mesmo que de forma indireta e aparentemente descompromissada.

A “Átimo - Não tá fácil pra ninguém” é fruto da jovialidade que se assume jovem, que trabalha com excessos e as possibilidades que o experimentar permite. Que passeia por desenhos e por diferentes gêneros textuais, por diagramações que parecem fora do lugar, numa forte referência aos fanzines que eram feitos antes de nascermos e dos quais saudosamente lembramos. Mas, além disso tudo, é uma vivência sobre a rua e sobre ser jovem na rua e, a partir daí, é um desejo de compartilhar, com quem lê, as experiências, memórias e criações imaginárias que são ao mesmo tempo individuais e coletivas. Afinal, como já afirmou Roger Silverstone, um dos grandes fenômenos midiáticos que permeiam a textura da experiência é o senso de pertencimento e sua partilha (2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, G. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BOLLE, W. **Fisiognomia da metrópole moderna**. São Paulo: Ed.USP, 2000.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: Ed.L&PM, 2010.

MAGALHÃES, H. **O que é fanzine**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.